

Desafios à Liberdade no Mundo

Com a entrada na segunda década do século XXI, em vez de avançarem no sentido da liberalização, muitos países do Sudeste Asiático passaram por uma fase de retrocesso na liberalização política e na democracia.

TRADUÇÃO: **Leonor Barroso**

O meu ensaio centrar-se-á na situação do Sudeste Asiático, uma das regiões mais heterogêneas do mundo – não apenas do ponto de vista das diversidades étnicas, religiosas e linguísticas, mas também no âmbito dos níveis de desenvolvimento socioeconómico.

Ainda há duas décadas, o Sudeste Asiático, não obstante longe da perfeição, parecia estar do lado certo da história, à medida que muitos países avançavam em direcção a uma maior liberalização política e/ou económica. O ambiente que se



POR
Yeo Lay Hwee

Directora, *European Union Center*, Singapura

seguiu à Guerra Fria, a ascensão de uma classe média emergente após anos de progresso económico e uma miríade de factores contribuíram para o processo de democratização em vários países do Sudeste Asiático. Embora no período da Guerra

Fria a maioria dos países do Sudeste Asiático fosse considerada autoritária, no final da década de 90, os sistemas políticos de alguns dos países mais importantes do Sudeste Asiático, como a Indonésia, as Filipinas, a Tailândia, a Malásia e Singapura, evoluíram a ponto de serem “julgados” pelo Ocidente como relativamente livres e democráticos. Contudo, com a entrada na segunda década do século XXI, em vez de avançarem no sentido da liberalização, muitos países do Sudeste Asiático passaram por uma fase de retrocesso na liberalização política e na democracia. Temos agora a Tailândia, que está novamente sob governo militar, e onde as eleições foram suspensas por uns anos; as Filipinas, onde acaba de ser declarada a lei marcial para o sul do país; um aumento da censura nos meios de comunicação e da intolerância relativamente a minorias étnicas e religiosas na Malásia; e por aí em diante.

O que explica esta retrocesso geral da democracia e os crescentes desafios às liberdades políticas e civis em diversos países do Sudeste Asiático? O presente ensaio irá analisar algumas dessas forças e alguns desses factores que podem contribuir para o esclarecimento desta grande recessão democrática. Mas, antes disso, procurará contextualizar e ter presente o facto de que a democracia não está ainda consolidada. Recordemos as terras sangrentas do Camboja sob a liderança do Khmer Vermelho na década de 70; o Brunei continua a ser uma monarquia absoluta; o Laos e o Vietname são governados por partidos comunistas; e Myanmar só se libertou do governo militar em 2011.



O caminho em direcção à liberalização política e à democracia no Sudeste Asiático é, pois, problemático. E, infelizmente, aos factores que se seguem juntam-se os desafios para as jovens democracias no Sudeste Asiático da preservação do Estado de Direito e da liberdade enquanto princípios valorizados.

GUERRA CONTRA O TERROR

Os ataques do 11 de Setembro e a subsequente guerra contra o terror iniciada pelos Estados Unidos tiveram consequências de grande alcance na formulação dos debates sobre a segurança e o terrorismo, e frequentemente à custa da liberdade e da protecção dos direitos humanos. O Sudeste Asiático, com as suas significativas comunidades muçulmanas, passou a estar sob escrutínio como uma possível segunda frente para a guerra dos Estados Unidos contra o terror. As ligações entre Jemmah Islamyah e as redes da Al-Qaeda tinham conduzido ao envolvimento dos Estados Unidos em esforços contra o terrorismo nesse território. Alguns países da região, sob o pretexto de contra-terrorismo, aprovaram uma grande quantidade de legislação em nome da segurança à custa da liberdade.

JOGOS POLÍTICOS E FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO

Para alguns países, onde o Islão é a religião maioritária (Brunei, Malásia e Indonésia), a ascensão da devoção religiosa e o aproveitamento da religião por líderes políticos levaram a um aumento da sensibilidade relativamente a quaisquer críticas à religião. O apelo ao respeito pela sensibilidade religiosa tornou-se um disfarce para a censura e a utilização da lei da blasfémia para silenciar os críticos tem efeitos assustadores para a liberdade de expressão e outras liberdades como a aceitação da igualdade de género e de pessoas de orientação sexual diferente.

Grande parte do aumento da devoção religiosa e do dogmatismo no Sudeste Asiático deve-se à influência dos estados do Golfo, sobretudo os petrodólares da Arábia Saudita que apoiou a construção de madraças na região.

REDES SOCIAIS, POLÍTICA IDENTITÁRIA E FRAGMENTAÇÃO POLÍTICA

Não são apenas os países de maioria muçulmana que têm testemunhado uma viragem para valores mais conservadores, mas, em muitas sociedades, o aparecimento das redes sociais levou a uma ascensão



A competição por recursos escassos entre diferentes grupos junta-se à instabilidade, com consequências frequentemente prejudiciais para a segurança e para a liberdade

da política identitária e da fragmentação política. Estes factores, juntamente com as já amplamente heterogéneas sociedades do Sudeste Asiático, abrangendo, em muitos casos (como em Myanmar e na Indonésia), vários grupos étnicos distintos, trouxeram crescentes dificuldades na governação. À medida que os estados se tornavam mais fracos e as sociedades mais fragmentadas, tornou-se mais difícil proteger os vulneráveis e defender os valores da liberdade e da justiça. A competição por recursos escassos entre diferentes grupos junta-se à instabilidade, com consequências frequentemente prejudiciais para a segurança e para a liberdade.

CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL ESPECÍFICO DO SUDESTE ASIÁTICO

Há muitos outros factores específicos da região – o Sudeste Asiático é uma região de grandes diversidades. Muitos destes países só se tornaram independentes depois da Segunda Guerra Mundial. As diversidades étnicas, linguísticas, religiosas e culturais tornaram difícil a tarefa de construir uma nação. A maioria começou com um governo de um homem forte, e as culturas políticas e instituições democráticas não estão particularmente consolidadas.

A política continua a ser “pessoal” e conduzida por uma pessoa em vez de um partido. Em poucas palavras, a preferência por um homem forte esteve sempre à superfície. As relações de clientela e o clientelismo político continuaram amplamente difundidos. A isto juntou-se a crença de que a democracia é oca, sendo

frequentemente vista como um meio, e não como um fim. Qualquer sistema que seja benéfico do ponto de vista económico e capaz de trazer estabilidade política e paz social será aceite. O foco, na política, é o resultado, não tanto o processo.

Em muitas culturas, a ênfase na comunidade e na identidade de grupo, em lugar de uma ênfase nos indivíduos, é também muito mais prevalecente do que no Ocidente. Por isso, frequentemente, a liberdade individual não é defendida como segundo objectivo. Claro que a urbanização e o desenvolvimento, bem como a dependência do Ocidente para o comércio e investimentos, implicou a difusão de valores ocidentais nestas sociedades. Todavia, a difusão destes valores é irregular, estando mais confinada às populações urbanas e com uma educação ocidental. Como o Ocidente também testemunha um retrocesso nos valores e processos democráticos, não é, pois, de admirar que o impacto no Sudeste Asiático também seja significativo.

CONCLUSÃO

Resumindo, o desafio à liberdade no Sudeste Asiático é uma realidade que confronta estas sociedades. Embora um certo grau de democratização se tenha enraizado, há limites ao desenvolvimento da democracia liberal, como a entende o Ocidente. Os instintos culturais profundamente enraizados, como a reverência da autoridade, a lealdade de grupo e a natureza hierárquica da sociedade, entre outros, dificultaram o desenvolvimento e a consolidação de instituições políticas eficazes necessárias para a democracia e o enraizamento da liberdade política e civil. A democracia também nunca é verdadeiramente aceite como fim em si mesma, mas antes como um meio para um fim, com um foco na capacidade de os governos trazerem estabilidade e prosperidade. Os recentes retrocessos na democracia e na liberdade testemunhados nos países europeus alimentam o cepticismo, e o foco no terrorismo internacional e a ênfase da segurança agravam ainda mais os desafios enfrentados por muitos destes países do Sudeste Asiático na preservação de progressos, por mais pequenos que sejam, alcançados, durante a última ou as duas últimas décadas, na liberdade política e civil. A questão de se a democratização liberal é verdadeiramente capaz de arrancar e de se consolidar permanece em aberto nesta parte do mundo. ■